

Compreendemos que a Renamo levanta sérias questões

— Qual o comentário que faz sobre o processo negocial em Roma, entanto que líder de um partido?

— A reflexão que a FUMO tem sobre Roma é muito simples. O processo, quanto a nós, está demasiado longo. Já devia ter terminado. Mas compreendemos também que a Renamo levanta sérias questões.

Eu considero que muitas delas são pertinentes. Vou dar um exemplo: Aquela exigência da lei dos partidos, da Frelimo, que para se legalizar um partido era preciso cem assinaturas por cada província, destinava-se apenas a dificultar o aparecimento de novas formações políticas, o seu registo e consequente legalização.

Porque não se percebe por que é que um partido precisa de cem assinaturas em cada província. Dizem eles que é para evitar o regionalismo e julgo que isso não corresponde à verdade. Eu penso que basta que o programa dos partidos seja nacional e não regional.

A Renamo não aceitou essa condição e eu aí acho muito bem. Aí, concerteza que me solidarizo com a Renamo. Porque essa exigência era descabida.

Outra coisa descabida decidida pela Frelimo é a de que os signatários da petição para registo e legalização do partido têm que juntar o certificado de registo criminal, atestado de residência e mais não sei quê.

Veja só, caro jornalista, se um líder é capaz de chegar a Moçambique e numa semana mobilizar as

pessoas e fazer um congresso e reunir os requisitos todos, então que avance. Isso de tanta burocracia destina-se a sufocar os líderes que estão no estrangeiro.

A Renamo não aceitou isto, e é correcto. Que os novos partidos apareçam e com pujança.

São estes pormenores que têm dificultado o curso das conversações em Roma.

As discussões de Roma com o Governo do Maputo não têm decorrido no mesmo clima em que decorreram as que foram protagonizadas pelo MPLA e a UNITA. E que em relação a esses nós sabemos qual era a agenda das conversações deles.

Quanto a Roma, não se sabe de nada, ou então só quando há uma fuga de informação; logo, tudo é à base de especulações.

De vez em quando é que aparece uma declaração, a dizer que não queremos mil, mas dez mil; cem por província e etc. Mas praticamente ninguém sabe o que se discute lá.

Penso que deve haver por lá também exigências inoportunas. Talvez até de parte a parte. Digo isso porque nada justifica mais um ano de conversações. Porque eu acho que quando começou a guerra toda a gente sabia o que queria.

A Frelimo tem mais a perder com o prolongamento da guerra do que a Renamo. O Exército tem de estar sempre alerta e de prevenção, mesmo quando a Renamo não ataca. Na guerrilha, há uma vantagem: é que quem ataca só o faz quando quer.

Este desgaste permanente do

Governo leva a que o Governo de Moçambique se mostre mais insistente em que as conversações cheguem a bom termo e rapidamente.

Dal nós vemos as preocupações dos Estados Unidos agora, União Soviética, Governo português; anda tudo a mexer-se.

A situação económica em Moçambique é desastrosa e recomenda que as conversações cheguem a bom termo rapidamente, a ver se se consegue compor ou recompor o país.

Há, ainda, a registar outras razões estratégicas por detrás de tudo isso: não é que a Frelimo e a Renamo arrastem as conversações intencionalmente. Não é isso, mas podem fazer pouco esforço para que as conversações sejam rápidas. E porquê? Porque a Frelimo pode pensar da seguinte maneira: dentro de pouco tempo Mandela terá o poder, e quando Mandela estiver no poder é mais fácil sufocar a Renamo, porque esta deixa de ter o apoio da África do Sul.

Mas a Renamo também é capaz de estar a cogitar que se a guerra continua e as conversações não atingem sucessos, então há maior desgaste para a Frelimo. Não só, a Renamo poderá pensar que a demora neste processo dá tempo a que ela se vá impondo internacionalmente. Mata-se a imagem de que a Renamo matou crianças, velhos. Dal também o périplo que o Afonso está a fazer. Quer dizer, há estes desenvolvimentos por detrás, que não são de maneira alguma para desprezar. São importantes.